

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

BENTO, Maria Aparecida Silva . Maria Aparecida Silva Bento (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 5min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO FORD e FUNDAÇÃO FORD. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Maria Aparecida Silva Bento
(depoimento, 2012)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Levantamento de dados: Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 11/01/2012

Duração: 1h 5min

Arquivo digital - áudio: 1; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória de um Office na periferia: o Escritório da Fundação Ford no Brasil”, desenvolvido em convênio com a Fundação Ford, entre janeiro de 2011 e julho de 2012, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos histórico-documental sobre os 50 anos da atuação da Fundação Ford no Brasil e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: Direito; Direitos civis; Direitos humanos; Ensino; Estado e sociedade; Etnias; Fundação Ford; Homenagens e condecorações; Intolerância religiosa; Juventude; Mercado de trabalho; Movimento negro; Movimento sindical; Mulher; Negros; Organizações não governamentais; Polícia; Pontifícia Universidade Católica; Pós - graduação; Psicologia; Racismo; Recursos humanos; Universidade de São Paulo; Universidade Federal de São Carlos;

Sumário

Entrevista 11 de janeiro de 2012: A formação na área de psicologia organizacional; a atuação na área de área de relações raciais e trabalho; o mestrado na Pontifícia Universidade Católica (PUC) e doutorado na Universidade de São Paulo (USP); a criação do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert) e a atuação de Rebecca Reichmann; o apoio do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário

Entrevista: 11/01/2012

H.A. - Entrevista com a Maria Aparecida Bento, hoje no dia 11 de janeiro de 2012, dentro do projeto sobre a memória da Fundação Ford no Brasil. Cida, sempre gosto de fazer uma introdução com a formação das pessoas. Você falar rapidamente da sua formação e também do outro diretor, do Hédio [Silva Jr.], para a gente entender de onde vocês vêm.

M.A. - Eu sou psicóloga organizacional de formação, eu trabalhava na área de recursos humanos, seleção, recrutamento. Quando eu saí da empresa que era a Cesp – Companhia Energética de São Paulo e comecei a trabalhar mais especificamente com a questão das relações raciais e da discriminação. Então ao longo do tempo...

H.A. - Isso devia chamar muito atenção na área de RH¹, não é?

M.A. - Muito. Muita atenção. Quer dizer, teve que gritar muito nos meus olhos como era a discriminação contra negros e mulheres em empresas. Então isso chamou bastante minha atenção, como psicóloga de recursos humanos, e ao longo do tempo eu fui... Foi depois de 90, quer dizer, em 86 eu já estava fazendo meu mestrado e depois eu fiz o doutorado, ambas nessa área de relações raciais e trabalho.

H.A. - E você fez aonde?

M.A. - O mestrado foi na PUC² e o doutorado foi na USP³. E o dr. Hédio na área de Direito. Então a gente percebeu também uma conexão bastante interessante entre Direito - psicologia. O Ceert⁴ tem essa característica de multidisciplinaridade dos profissionais. Então muita gente ao longo desses 20 anos que começou com a gente, nem tinha terminado o curso de formação, fez mestrado, fez doutorado, hoje, por um acaso, estávamos no almoço conversando por conta

¹ Recursos Humanos

² Pontifícia Universidade Católica

³ Universidade de São Paulo

⁴ Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades

do princípio do ano, tal, estávamos pensando quantos doutores e mestres ao longo desses 20 anos foram passando pela instituição, em diferentes áreas. Então é isso.

H.A. - Certo. Esse apoio inicial da Ford, queria que você me falasse um pouco como foi, quando vocês resolveram criar a instituição, como foi esse contato?

M.A. - Nós convidamos uma pessoa muito especial que é a Rebecca Reichmann que hoje está ONU⁵, ela particularmente uma pessoa interessante. Sabe, uma pessoa sensível, uma pessoa determinada...

H.A. - Ela estava na Ford na época?

M.A. - Estava. Ela é uma pessoa com coragem também para tocar esse tema, porque até então, eu acho que até na Ford, mas em diferentes instituições se trabalhava com relações raciais a partir do branco. Então era o branco que entendia de preto, que era o sujeito acessado. Então a gente... Não era frequente, por exemplo, um especialista negro, um sujeito negro, um protagonista negro no diálogo com instituições e Rebecca [Reichmann] inicia isso. Ela veio assistir um curso que nós estávamos dando para profissionais de RH e também para sindicalistas...

H.A. - Já no âmbito da Ceert?

M.A. - O Ceert estava nascendo, engatinhando. E ela veio assistir o curso e ela gostou da nossa abordagem, e nós tínhamos feito uma provocação inicial de uma carta para a Fundação Ford, mas ela disse: “Não, apresenta um projeto, se for nessa linha do que vocês estão trabalhando”. E a linha que a gente estava trabalhando...

H.A. - Uma carta? Como era essa carta?

⁵ Organização das Nações Unidas

M.A. - Era dizendo um pouco da nossa trajetória e que... Ele vinha do movimento sindical e eu vinha da empresa. Eu era profissional de recursos humanos, onde já ocupava um lugar de destaque nessa época. Quando eu saí da empresa de onde saí, eu já era executiva. A primeira da minha família, uma rara executiva... Uma empresa que na época era a terceira do país, então era um lugar muito importante. Quando eu saí para me dedicar só a isso, eu já era executiva. Então nós nos juntamos porque o Hédio vinha do movimento sindical, eu vinha de empresa e tinha uma terceira pessoa, Ivair Augusto Alves dos Santos, que trabalhava com foco bastante no Estado. Isso norteou muito o trabalho no começo porque a gente pensava um pouco como discutir relações raciais no âmbito do trabalho. Os nossos primeiros eventos foram de fato um tripé, envolvendo movimento sindical, o empregador e o Estado para ver o que as partes poderiam fazer para promover igualdade racial no trabalho. Então já desde o princípio foi assim.

H.A. - Então esse contato com a Rebecca, graças a esse curso que ela tomou a iniciativa de fazer...

M.A. - De assistir, ela veio assistir.

H.A. - Assistir. E aí ela propôs que vocês escrevessem um projeto, uma proposta de projeto, não é?

M.A. - Isso.

H.A. - Aí foi esse aporte inicial mesmo para institucionalizar o Ceert?

M.A. - Foi. Foi porque a gente fazia como a maior parte dos militantes negros fazem, você toca toda uma vida profissional e com os tempos que te sobram que você consegue se dedicar a isso. E eu pude... Também foi uma opção minha, por exemplo... Eu não encontrei apoio nenhum na época de sair de um lugar de executiva que tinha conseguido com muita dificuldade, ao longo do tempo, e me dedicar só a isso.

H.A. - Você saiu sem ter certeza se ia conseguir um apoio...

M.A. - Foi nesse processo, foi ao longo do processo. Eu me demiti mesmo da Cesp⁶ em 95 e o Ceert já tinha uma condição melhor. Mas eu consegui afastamentos, fui me separando até emocionalmente de um lugar que era um lugar do qual eu me orgulhava que era de executiva.

H.A. - Papel simbólico de você estar naquela posição era importante.

M.A. - É, mas eu também percebi que tinha um território bastante interessante para atuar. Quer dizer, a partir da experiência que eu tinha na empresa. Que eu via como nos processos de recrutamento, seleção se operacionalizava a discriminação. E da experiência que Hédio tinha no movimento sindical, a gente começou a pensar um pouco como a gente pode mudar esse cenário.

H.A. - Esse primeiro financiamento foi para a infraestrutura do Ceert? Foi com ele que vocês, tipo, alugaram um espaço?

M.A. - Não, ele foi basicamente para ajudar a produzir vídeo, produzir cartilha, produzir processo de formação. Um deslocamento nosso, porque a gente tinha o apoio do Ibeac⁷ que é esse instituto que eu te falei, e a gente ficava na edícula dele.

H.A. - Vamos falar o nome dele de novo só para ficar...

M.A. - Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário. Ele era dirigido pelo ex-governador [André Franco] Montoro e ele era extremamente sensível para essa questão, era uma pessoa muito especial também o Montoro, então tinha um espaço que ele reservou dentro do Ibeac para nós ficarmos. Tem um nome, mas a gente não pagava aluguel e utilizava as dependências do Ibeac.

H.A. - Entendi. Isso até quando?

⁶ Companhia Energética de São Paulo

⁷ Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário

M.A. - Acho que saímos de lá em 2002.

H.A. - Foi um bom inicial.

M.A. – Foi um bom tempo e deu tempo da gente juntar recursos porque hoje nós temos sede própria, completamente paga.

H.A. - Pois é, eu andei...

L.O. - Esse Ibeac era do Estado ou...

M.A. - Não, é uma ONG, do Montoro.

L.O. - Tem uns que fazem uma coisa, tem um pedacinho do Estado para garantir...

M.A. - Não, era uma ONG mesmo. Uma ONG que trabalha também com questões ligadas à pobreza, à formação, às comunidades.

H.A. - Lendo sobre vocês, lendo até outras entrevistas dadas pelo Hédio, eu achei interessante, uma coisa que se destacou pelo menos para mim, foi essa questão da gestão, que vocês, pelo visto, sempre se preocuparam muito com isso, a ponto de conseguir comprar uma sede, enfim, de realmente, de fazer uma gestão de pessoas e financeira...

M.A. - Não foi fácil ao longo do tempo e cada vez está mais difícil, eu acho. Gostaria de dizer que está mais fácil, mas até com essas confusões que teve com ONGs ligadas a partidos, isso sobrou para todo mundo, mas a gente ainda tem uma saúde financeira no sentido de ter um espaço bastante interessante. Se vocês puderem visitar, vocês vão gostar, com jardimzinho na zona norte de São Paulo, completamente pago, sem problema de imposto nenhum, e equipado. Ao longo dos anos a gente foi renovando os nossos computadores, enfim, nossas aparelhagens todas. E a gente sempre teve uma preocupação bastante grande com essa questão de gestão. E eu, particularmente, também tenho esta... Eu venho de empresa, eu tinha esse foco. Tem uma

outra pessoa, Mario Rogério, que também era uma pessoa que veio de empresa, da área financeira da empresa, então ele tem um outro olhar, é bastante cuidadoso na administração de recursos. Eu acho que essa área de gestão foi a área na qual a gente mais... Uma das áreas importantes que até hoje continua em desenvolvimento. Por exemplo, o ano passado, a gente tem uma pessoa que acompanha quinzenalmente o Ceert, mas que é de fora, mas que acompanha a gestão dos projetos. Então eles são colocados em um determinado programa, nas diferentes etapas, com tempos e quem faz o que, quando entrega tal e qual produto, então esta pessoa acompanha a minha coordenadora administrativa técnica, eu nem participo disso, de como está sendo feita a gestão, de modo a não atrasar relatório, e mesmo assim as vezes atrasa, de não atrasar entrega de produto, de assegurar qualidade, então é uma pessoa que é preparada para fazer isso. Eu tenho muita preocupação com isso.

H.A. - E na gestão de pessoal, imagino que também tenha uma preocupação de direitos trabalhistas...

M.A. - Tem, tem. Até hoje, felizmente, nos 20 anos a gente nunca teve uma ação trabalhista e não quer dizer que a gente viveu uma situação diferente de ONG. Que aqui no Brasil o tipo de situação que a gente vive, não dá para contratar a pessoa, porque você vive de projetos. Terminou, depois de dois anos, o que você faz? Primeiro, que as pessoas percebem a transparência. Eu acho que isso... A minha avaliação é que se você tem uma equipe que percebe que o dinheiro não está sendo mal utilizado... As pessoas estão lá vendo como a gente está fazendo, como que as verbas, as dificuldades, que não tem o menor desvio de recurso, da preocupação que nós temos com as pessoas, então ao longo dos anos entraram e saíram tantas pessoas do Ceert; até hoje a gente nunca teve qualquer ação trabalhista de nenhuma ordem.

H.A. - Isso que você está falando da transparência, imagino que seja importante tanto para os funcionários como, por exemplo, para uma agência financiadora como a Ford. De você ter essa confiança de que o dinheiro vai ser bem usado, de que o projeto vai ser bem executado.

M.A. - Eu acho que a Ford sempre teve isso, mas também sempre foi uma instituição exigente nesse sentido. Assim, eu gostei de trabalhar ao longo dos anos com a Ford porque nunca me senti pressionada para ir a esta ou aquela direção, nesta ou naquela direção, entendeu? Não é

que a Ford dizia como ela quer trabalhar, a gente sempre... Nós começamos apresentando um primeiro projeto, eles foram atrás de uma atividade que nós já estávamos fazendo. Nós tínhamos feito uma provocação, eles foram lá ver como a gente fazia, e nós apresentamos um projeto, e de lá para cá sempre foi assim: “O que vocês estão pensando...?”. Há um diálogo qualificado com a instituição. Não é uma doadora que chega lá dá o dinheiro e acabou, não é isto. Então, como esta questão que você está tratando se coloca dentro do contexto político do país, se coloca dentro do contexto das relações raciais, de direitos humanos, ok. Então tem esse diálogo. Mas nós sempre pudemos acertar ou errar na direção do que nós entendemos que devia ser feito, nós do Ceert. Sempre um diálogo extremamente respeitoso com a instituição. Eu nunca tive problema de dizer que a Ford foi a instituição que ao longo dos anos apoio o Ceert de maneira mais consistente.

H.A. - Interessante que a gente estava conversando de manhã com algumas pessoas da Fundação Carlos Chagas e como a relação da Ford com a Fundação Carlos Chagas vem desde os anos 60, época de ditadura, elas estavam explicando como nos anos 60 ainda era visto um pouco com desconfiança, essa coisa de ser uma agência americana, capitalista, imperialista, enfim, acho que com o tempo isso vai mudando e tal.

M.A. - Eu acho que nós já pegamos esse tempo, porque quando a gente entrou a gente também sabia dessa mesma história, e eu já tinha observado que tinha um tratamento mais de elite. Daquilo que eu te falei, entendeu? Digamos, pessoas da elite intelectual, brancos pesquisadores, brancos falando sempre com pessoas que trabalham com negros, mas são brancas, entendeu? Os negros não entravam como protagonistas no diálogo. Que isso é meio habitual no Brasil. Quando você trabalha com empresa... Sempre, se eles puderem encontrar uma pessoa branca que discute preto, eles preferem do que discutir com o próprio negro. É uma coisa bastante interessante. Isso merece muita avaliação. Eu acho que a Rebecca inaugura isso, de dialogar diretamente conosco. Acho que Rebecca inaugura isso.

H.A. - Na Fundação Ford?

M.A. - Eu acho que não tinha, pode ser até... Porque até nós tivemos uma reunião com Donald Pierson, Ronald, esqueço o nome dele, mas me lembro de dois intelectuais brancos que

conversaram com a gente que eram consultores da Fundação Ford, mas eles tinham uma voz mais forte sobre relações raciais do que nós, na conversa sobre isso.

H.A. - Nos anos 90 quem fez uma consultoria muito forte sobre isso foi o Edward Telles que inclusive foi o program officer em uma época.

M.A. - Mas o Ed [Edward] Telles também acho que já vinha dessa outra... Um pessoal mais jovem, com uma outra linha, entendeu?

H.A. - Entendi, entendi.

L.O. - Você estava falando primeiro desse curso que a Rebecca assistiu e tudo, teria um tipo de atividade que vocês fizeram logo, quer dizer, estava se criando o Ceert e, basicamente, o que era pensado fazer? Era cursos, era treinamento?

M.A. - Acho que tem um foco que começou lá e continua sendo principal, como você fortalece a voz negra, no que diz respeito às questões de desigualdade, leva informação, dialoga isso e brancos. O Ceert sempre teve... Tanto que meu doutorado é na área de branquitude. Então, desde lá a gente vem com isso. Como a gente prepara um material que ajude as pessoas a entenderem? Então nós fizemos com o Maurício Pestana uma cartilha que é o negro no mercado de trabalho, eu acho, e um vídeo também. E o vídeo... Eu fui com um grupo, com a Benedita da Silva, um grupo de pessoas e com a Rebecca para os Estados Unidos, e ele começa a partir da nossa volta dos Estados Unidos. Tem um cara lá que está dizendo que a imagem do Brasil para fora é uma imagem de um país democrático e tal, e ele está naquelas máquinas antigas fazendo uma carta para alguém nos Estados Unidos. Então já naquela época a gente tinha essa ideia de fazer vídeos, de fazer cartilhas e um curso que desse um pouco uma releitura para as pessoas do que elas sabiam sobre negros e brancos no Brasil e trouxesse nova informação. E sempre, acho que teve uma coisa, uma característica grande do Ceert, sempre de uma maneira tão provocativa para negros quanto para brancos. Por exemplo, nessa época a gente trabalhava com os brancos... Com o movimento sindical. E teve alguns conceitos do movimento sindical, por exemplo, que a classe operária começa a partir da vinda dos imigrantes europeus, que nada acontecia nesse país até que os europeus chegassem. Eu brinco, que trazendo na mala, vamos

dizer, a luta... Então a gente vai mostrar quanta coisa tinha acontecido no país antes disso. E a gente conseguiu recuperar de estudiosos, por exemplo... Tem uma coisa que o Clóvis Moura fez, que é uma carta de escravos, é *tão interessante*, ela é quatro linhas. Eles estão reivindicando condições de trabalho: roupa, tempo de trabalho, uma terra para eles plantarem, então é muito interessante essa carta. Ela tem algumas linhas só. Mas eu brincava, eu começava um trabalho com o movimento sindical, eu os provocava dizendo: “Olha, isso aqui é de 1700, não é que tudo começou quando chegou os europeus, os italianos principalmente”. Porque tem toda uma história que tudo começou no trabalho aí. Então a gente brincava com isso, provocava muito e isso vinha para vídeo, isso vinha para cartilha, era uma cartilha de charges, mas trazia história, mas brincava também, debochava e tal. Então de lá para cá, eu entendo, que esse foi dos veios mais importantes do Ceert em diferentes áreas. Entendeu? Quando você faz uma leitura da realidade, então a gente fez ali das relações raciais no trabalho, foi a primeira, mas depois fizemos em outras áreas. Recupera e coloca os lugares de negros, brancos, homens e mulheres e traz isso para um diálogo, numa provocação, que as vezes é bem humorada, as vezes pode ser mais tensa, mas tentando ajudar as pessoas a repensar.

H.A. - Certo. Vocês têm vários programas, não é?

M.A. - Muitos.

H.A. - A gente está falando da questão racial, mas acho que vocês já abriram também para a liberdade religiosa...

M.B. – Muitos. Mulheres...

H.A. - Queria que você me falasse um pouquinho de cada um. Pelo menos os programas que estavam ali no site que são: direitos, diversidade no trabalho, educação, juventude, liberdade de crença, políticas públicas e saúde. Ufa! Coisa à beça. Não sei se a gente vai poder detalhar. Até trouxe um detalhamento de cada uma dessas áreas, como eu disse, acho que está muito bem explicado no site, mas não sei se a gente vai conseguir detalhar tanto, mas falar um pouquinho de cada uma dessas áreas.

M.A. - Na área do trabalho foi um pouco isso. A gente ao longo dos anos, a gente trabalhou bastante com o movimento sindical, com o movimento negro, com o movimento de mulheres, com empresas e com o Estado. Sempre esse tripé, movimento sindical e social de um lado, o Estado e o empregador. Sempre procurando ter esse diálogo. Eu diria que o último projeto nosso nessa área do trabalho foi um projeto que a gente fez um grande trabalho com a Federação Brasileira de Bancos, que é a Febraban. Nós fizemos um censo que envolveu o país inteiro e num quadro de funcionários do setor bancário que era quase 400 mil, por volta de 400 mil pessoas, e foi um censo assim, acho que foi uma coisa que o Brasil ainda não tinha antes. Trazendo a situação de homens e mulheres, negros e brancos, pessoas com deficiência...

H.A. - Essa questão de raça é como é no censo...

M.A. - Do IBGE⁸.

H.A. - É perguntado?

M.A. - Exato. Foi um censo via eletrônica. Fizemos um vídeo e o vídeo... Qualquer trabalhador lá do Oiapoque ao Chuí, da sua mesa de trabalho podia acessar o computador, preencher o censo e aí o censo ia perguntar todos os dados que você pudesse recuperar a trajetória ocupacional de uma pessoa, diferença de cargo, diferença de salário, se uma mulher entrou há dez anos e um homem há dez anos em cargos e salários similares porque depois de dez anos a mulher está em condição de inferioridade. Porque ela não está com o mesmo salário e cargo que o homem. A gente fez para mulheres e homens, negros e brancos, jovens e mais idosos, então foi um trabalho *bem interessante*. Aí envolvia também formar um banco de dados, utilizando como fonte o ProUni⁹, enfim, tinha várias coisas que a gente fez, envolvendo a empresa, envolvendo o movimento sindical e o movimento negro. Na área de educação é uma das áreas mais fortes ao longo dos anos. A gente vem produzindo material para professor e produzindo vídeos. Este ano que passou nós produzimos *quatro vídeos*, quatro vídeos bastante interessantes.

⁸ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

⁹ Programa Universidade para Todos

H.A. - Para ser usado em sala de aula?

M.A. - Para ser usado na formação e com as crianças. Um desses vídeos, por exemplo, ele é gravado ao longo do ano dentro de duas escolas, na atuação das professoras brancas e negras, tentando ver como elas trabalham com as crianças esse tema. Inclusive de zero a três anos, que você trabalha com álbum de família, como no álbum de família você coloca essa questão, como é que nos brinquedos, como no ambiente da escola e tal. Então, com professores ao longo do tempo a gente vem produzindo material, produzindo processos de formação, a gente produziu um curso de formação à distância, endossado pelo MEC¹⁰, com o apoio do MEC, e nós fizemos seminários nas cinco regiões do país. Também isso é uma característica nossa, eu diria que desde...

H.A. - Nacionalizar a discussão.

M.A. - Desde 2002, provavelmente, todos os anos nós fomos para as cinco regiões do país. E como a gente vai? A gente vai e é recebido por organizações lá, com as quais a gente começa a negociar meses antes. A gente tem um aporte lá, organização das faculdades, negras, mulheres, então elas organizam o evento e o Ceert dialoga com elas, tal. Então pelo menos uma vez ao ano a gente trabalhou sempre nacionalmente.

H.A. - E teve também o prêmio, não é?

M.A. - O prêmio é uma dessas... Nós chegamos a duas mil experiências coletadas em todos os estados do Brasil, da educação infantil que era de zero a seis anos, até o ensino médio.

H.A. - Como era isso? Como começou essa história do prêmio?

M.A. - Eu queria primeiro mapear. Eu achava que tinha pessoas, que tinha... Eu falava de heróis anônimos no país inteiro que estavam trabalhando com isso. E é surpreendente, por exemplo,

¹⁰ Ministério da Educação

que durante uma boa parte desse período, a maior parte das pessoas, pouco mais da metade das pessoas que trabalhavam em sala de aula com as crianças a igualdade racial, são mulheres brancas. Elas superavam inclusive as mulheres negras. E o que é? Elas trabalhavam com as crianças via teatro, música, dança, todo tipo de coisa que você possa imaginar o tema da igualdade racial. Então elas escreviam as experiências, a gente tinha um comitê poderoso, pareceristas, temos 50 em todo país que analisam e aí entra MEC, Fundação Carlos Chagas, Centec¹¹, várias instituições que formam um comitê e julgam e vão definindo quais são as principais experiências que devem ser premiadas.

H.A. - Aí as experiências podem ser tanto, como você deu esse exemplo de teatro, ou dentro de alguma disciplina, como comparar coisas totalmente diferentes?

M.A. - Porque no geral assim, primeiro, tem vários critérios. Utiliza-se muito... É interessante como a maioria, quase 80% são mulheres que desenvolvem essas experiências. É bastante interessante também que elas utilizam mesmo muito a cultura, mas elas envolvem muito os pais. Vou te dar um exemplo: tem uma boneca de Angola, a professora queria trabalhar que princesa não é só Branca de Neve, entendeu? Então o que ela fez? Ela fez uma boneca negra, uma grande boneca negra e as crianças levavam para casa, a boneca ficava dois dias, tinha um caderninho que acompanhava a boneca, os pais anotavam um pouco o que foi visita da boneca. A boneca era princesa africana e depois voltava para dentro da sala de aula. E tinha uma família que não queria a boneca. E foi interessante...

H.A. - A família era branca ou negra?

M.A. - Branca. Aí um dia acontece que chega a boneca com o caderno. A boneca foi para a casa dessa família e o pai coloca que no meio da noite ele percebe que entre ele a mulher estava a boneca e a filha. E aí ele anota isso no caderno que volta com a boneca. Que ele acabou gostando da boneca, que depois a família toda... Botou a boneca para comer junto; então tem certas coisas que são extremamente... Que mexem com as pessoas, você tem muitos caminhos para sacudir uma pessoa, para fazer a pessoa repensar coisas. E essa boneca era bastante

¹¹ Instituto Centro de Ensino Tecnológico

interessante. Então são experiências desse tipo, que a gente julga, a gente passa o ano inteiro julgando, esse é um ano que nós estamos fazendo isso. *Várias etapas* até o dia que o professor manda as comprovações e a gente chama os parceiros e premia lá no final do ano.

H.A. - Me explica, quantas edições do prêmio...

M.A. - Dez. não, desculpe, são dez anos de prêmio e nós estamos na sexta edição, agora.

H.A. - Sexta edição. E a Ford tem alguma participação direta nisso?

M.A. - Desde o começo. Quer dizer, eu acho que era o Nigel Brooke... Isso. Ele apoiou, não sozinho, teve o Santander que apoio também, que na época era o Banco Real, que apoiou foi junto com o Nigel [Brooke] e ao longo do tempo, depois que a Seppir¹² começou a existir, até a última vez, até a última edição a Seppir apoiou também. Mas tudo partiu da Ford. A gente tinha uma instituição, então a gente fez uma proposta: nós queremos mapear as experiências.

H.A. - O interessante no prêmio é que você consegue mapear. De repente...

M.A. - Ver o que interessa as pessoas, por exemplo, apareceu uma experiência com o Japão: uma mãe, a professora teve uma criança discriminada por questão de ser japonesa, então ela e a professora fizeram uma grande refeição na escola, envolvendo os outros pais, as outras escolas, com comida japonesa e aqueles enfeitinhos japoneses. Foi bárbaro isso. Bonecas, aí todo mundo trouxe. Então tem muitas coisas interessantes. Envolve também indígenas. É bem legal. Eu acho que o prêmio “Educar para a Igualdade Racial” é um prêmio que tem desdobrado em muita coisa. Tem muitas das pessoas que participaram do prêmio publicaram, ocupam cargos diferenciados, hoje dentro de secretarias.

H.A. - Chamaram atenção, não é?

¹² Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

M.A. - Elas viraram uma liderança nas suas comunidades. Eu gostaria de poder mapear, porque eu fico sabendo assim: “Ah, a Zilá produziu mais um livro, não sei quem foi contratado”. Eu nunca pude fazer uma avaliação direito do prêmio. Mas o prêmio destacou lideranças no país inteiro.

H.A. – Agora, vocês fazem uma publicação, acabando, os premiados ganham uma publicação?

M.A. - Sim, uma publicação e a gente manda um vídeo para eles com todas as imagens. A gente faz um curso, todos eles, por exemplo, o ano passado vieram 33 para cá, de todos os estados do Brasil. E justamente nessa universidade nós ficamos dois dias inteiros com eles fazendo dinâmicas de grupo e trabalhos com o tema das relações raciais. Como já são iniciados, eles um pouco pautam a gente.

L.O. - Nessa universidade que é a...

M.A. - A... Ai meu deus do céu, Getúlio Vargas¹³, não é? Foi aqui mesmo, em duas salas aqui. Foi parceria com eles.

L.O. - Nessa universidade, eu fiquei pensando onde era, nessa mesma.

H.A. - A área de Direito, eu queria que você me falasse um pouquinho, porque eu vi que vocês colocaram no ar um site sobre justiça racial.

M.A. - Ela é muito importante por que... A gente tem essa coisa de ações paradigmáticas, ao longo do tempo que ações podem gerar jurisprudência depois. E a gente tem, por exemplo, o primeiro caso de condenação por racismo que estava sendo tratado como... Na área de violência policial, desculpe, o primeiro caso de condenação de policiais por racismo, que é a morte de um dentista que é o [Flávio] Santana, um menino que morreu aqui em São Paulo, e foi uma coisa bastante delicada. Então aquilo teve muita projeção, envolveu o movimento social, nós ficamos na porta do fórum acompanhando, então foi um caso muito impactante. Muito

¹³ Fundação Getulio Vargas

impactante para a instituição também. Não é fácil quando a instituição faz isso, pouco tempo depois nossos computadores foram roubados, a gente tinha os telefones grampeados, era muito complicado. Nós tivemos um caso que mexeu muito como Ceert que foi que nós fizemos uma ação contra duas tvs comerciais que foi a TV Record e a Rede TV, por incitação ao preconceito contra religiões de matriz africana. E nós ganhamos 30 horas no horário nobre. Nós até chegamos a gravar com o apoio da Fundação Ford e Fundação Avina, nós chegamos a gravar vários programas, mas o processo foi parando, ele foi sendo ganho em várias instâncias, mas quando chegou no Superior Tribunal as coisas mudaram, ele ficou parado vários anos, enfim. Mas é um vídeo superinteressante que a gente acabou fazendo. Com a PUC, a parceria da PUC São Paulo, com a área de Direito da PUC enfim. Sempre a gente teve parceiro muito qualificado agregando valor ao nosso projeto. Entendeu? Então, umas lideranças no campo do Direito, direitos humanos colocaram sua voz ali com a gente.

H.A. - Nesse caso desse site justiça racial foi uma necessidade que vocês sentiram, o que, de dar explicações mais específicas? Por que criar um site específico?

M.A. - Porque ali tem toda legislação, toda jurisprudência, toda doutrina na área de relações raciais que é para os operadores de direito, advogados que trabalham com isso poderem atender casos de discriminação racial ou até provocar o Estado: “Escuta, tem essa lei aqui que diz que vocês tem que ensinar história da África e a prefeitura não está ensinando”. Isso pipoca em todo país. O cara vai lá e pega uma ação parecida com aquela que já tem toda argumentação, tem toda doutrina, ele tem todos os elementos. Então a área de Direito do Ceert, além de ter sido, por exemplo, agora nesse projeto que eu te falei do último ano, a gente desenvolveu todo um trabalho, todo arcabouço legal da área de educação infantil no Brasil. A área de zero a seis anos, tudo que tem a ver com isso. A gente fez todo um... Recuperação de legislação no território da educação. Então um quadro de quatro advogados trabalharam e a publicação... Tem uma publicação saindo com o apoio do MEC e outra com o apoio da Unesco¹⁴. Mas são advogados olhando para a questão da educação a partir da legislação e pensando: “Como a gente vai poder provocar as prefeituras, as escolas”, entendeu?

¹⁴ United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

H.A. - Certo. Voltando um pouco para a relação de vocês com a Ford, você falou que em geral as doações são para projetos específicos. Ao longo desse tempo aí, de 20 anos, pouco mais de 20 anos, como foi se estabelecendo? Vocês faziam projeto, acabava aquela doação, vocês propunham outro, de repente em outra área dessas?

M.A. - É. A gente começava a discutir antes. Quer dizer, tem um cenário que está colocado aí, então...

H.A. - Imagino que não começaram com todas essas sete áreas que eu citei.

M.A. - Não, vai desdobrando. Por exemplo, cresce muito, continua crescer a intolerância religiosa. Se você for levantar, por exemplo, nosso site tem muitos julgamentos, muitas sentenças que você pode observar. E nessa área de intolerância religiosa tem crescido invasão de templo, agressão a pessoas. Justamente por causa desses programas de televisão que demoniza as religiões de matriz africana. Então, aí começou ampliar um programa nessa área. E nós lançamos com Danilo [Santos de] Miranda, no Sesc, lançamos uma belíssima campanha, em 2002, de liberdade de crença. Também a gente sempre procura pegar pelo lado positivo. Então foi liberdade de crença e envolveu, a gente tinha 700 pessoas num dia e várias instituições, a Seppir, o MEC, juntos lançando. E aí criou-se essa área. Essa área se desdobrou em curso, por exemplo. Porque começamos a olhar para os direitos dos pais de santo. Eles cobram que os padres, por exemplo, os pastores têm direitos que um pai de santo não tem, de aposentadoria, o templo tem isenção de imposto. Então, levantou-se aí... Aí entra de novo o Direito, vamos fazer um levantamento dos direitos que deveria... Vamos discutir a laicidade do Estado, o Estado é laico, então como a gente pode começar a trazer essas questões. Aí faz todo o arcabouço legal e começa a fazer processos de formação, por exemplo, para pais de santo. Começa a atender a situações de discriminação que envolvem... E agora a gente tem discutido com eles a questão do meio ambiente, porque muitos dos trabalhos que se fazem... Você sabe que as religiões de matriz africana tem muita relação com a natureza. Então como você pode fazer um trabalho, vamos dizer, como você pode ter uma atuação no campo religioso que não fira a natureza, que preserve a natureza, como você pode usar elementos...

H.A. - Mas sem prejudicar a tradição também, não é?

M.A. - Sem prejudicar a tradição e sem prejudicar as águas, as florestas, com é isso? O diálogo vai se ampliando mesmo. Quando a gente tem isso... Nós fizemos um projeto para várias instituições; até agora a gente não teve apoio. Por exemplo, como a gente poderia trabalhar...

H.A. - Isso que eu ia te perguntar, se determinadas áreas é mais difícil conseguir apoio, até pela novidade, pela ousadia. Eu tenho impressão, até pelas outras entrevistas que a gente tem feito que a Ford costuma ser muito aberta a essas novidades.

M.A. - Sim.

H.A. - Em geral, assim. Ser ousada.

M.A. - Eu sinto que não há dificuldade da Ford em olhar para essas questões novas e se sentir provocada em dar resposta a uma provocação, sabe? Eu vejo muita dificuldade das outras instituições. Às vezes eu vejo que escorre recurso para tanta bobagem aqui no país e você vê questões sérias que você não consegue apoio.

H.A. - Por puro desconhecimento, talvez, que não seja nem...

M.A. - Eu acho que tem muita coisa, muito complexo isso, acho que é bastante complexo porque não deixa de ser também um temor de que isso cresça, uma consciência de que metade da população é negra, um temor de perda de privilégio, eu acho que tem isso.

H.A. - Agora, isso é um diferencial que você vê, por exemplo, da Ford para outras agências? Vocês se relacionam com outras agências?

M.A. - Nos relacionamos. Acho que tem um diferencial da Fundação Ford no campo das relações raciais, dos direitos humanos, entendeu?

H.A. - Uma coisa interessante que a gente observou, até falando dessa consultoria do Edward Telles, ali ele faz uma conversa com vários donatários por conta dessa... A partir de um

determinado momento a Ford começa a se preocupar muito, começa a ser uma área transversal de todos os programas essa questão racial e está nos relatórios a quantidade de funcionário da instituição de brancos, negros, mulheres etc. E ele conta nessa consultoria que muitos dos donatários lidam com dificuldade com isso, até pela... Toda discussão de relatividade assim, o que é um negro no Brasil, o que é um branco. Essas questões que alguns encaram com alguma dificuldade de dizer: “Não conseguimos pessoas qualificadas”, esse tipo de coisa. Como você considera isso? Primeiro da Ford ter essa... Bater nessa tecla...?

M.A. - Eu acho que a Ford foi ao longo dos anos percebendo o quanto era difícil você fazer uma instituição se preocupar. Por exemplo, eu digo assim, quem trabalha com pobre, trabalha com preto no Brasil. De cada dez pobres *sete são pretos*. Por que você esconde essa informação? Eu me lembro do Boa Ventura, quando ele diz: “Nada por nós sem nós”. Você não pode trabalhar com pobres sem trazer uma questão emancipatória, que te levou... Quer dizer, o quanto ser negro pesa no fato de você ser pobre, estar entre o contingente de pobre, de indigente. Então é muito interessante você trabalhar com pessoas de direitos humanos, as pessoas sensíveis não sei que, mas elas não querem mexer com isso. Isso o Brasil precisa discutir mais. Não é nem aquela pessoa que você fala: “Esse é um racista mesmo”. Mas aquela pessoa progressista, aquela pessoa que estuda isso, que está atenta a questão de direitos humanos, de repente você vê que ela passou a vida dela sem nunca se perceber como alguém que está num país onde a metade da população é negra e está completamente inferiorizada ou excluída, se entrar numa empresa não vê em determinados lugares. Como é que você não estranha isso, o que há de errado? Então quando eu fiz meu primeiro livro, meu primeiro não, um dos meus livros de *Psicologia social do racismo* eu trago essa discussão. Eu discuto exatamente com as pessoas que eu considero que estão no meu território: movimento de mulheres, intelectuais da universidade... “Escuta, qual a resposta que você dá para você mesmo sobre essa realidade?”.

H.A. - Você acha que essa tomada de iniciativa da Ford com os donatários seria uma maneira...

M.A. - Foi quando ela percebeu, tipo, o sujeito está trabalhando com pobre, tal, são só pessoas brancas, tal e esse assunto é proibido. Vamos ver quanto negro tem, tem negros entre as pessoas

que você atende, têm negros dentro do seu quadro de pessoal? Então eu acho que ela provoca a pessoa a pensar sobre, a olhar sua instituição.

H.A. - Falando um pouquinho das outras áreas. A gente falou um pouco de liberdade de crença. Por exemplo, juventude, acho que é um assunto interessante. Aí que talvez... É uma área que no site eu não consegui...

M.A. - Eu acho que talvez seja uma área onde a gente está mais botando a mão na massa e menos escrevendo sobre ela. Porque, por exemplo, hoje nos grandes núcleos de trabalho do Ceert têm jovens à frente, têm jovens negros e jovens brancos. A gente sempre procura trazer para a prática da instituição essa ideia de que tem que ter as relações raciais, então você têm jovens. E assim tem um processo muito intenso de formação dentro do Ceert, formação de apoio ao estudo, de ir atrás de bolsa para as pessoas que estão lá, de propiciar viagens, de ajudá-los a ir para público e falar. Então a área de juventude hoje é uma área, vamos dizer, que está na frente da instituição, que está consolidada no cotidiano da instituição, e sempre que a gente pode a gente tem procurado se afastar um pouco mais, eu e Hédio, a gente já vai em muitos lugares, mas hoje tendo a possibilidade a gente encaminha o jovem. Ajuda a preparar, ajuda que faça as leituras que precisa fazer, que prepare uma oficina, que prepare uma palestra, a gente discute, até a pessoa se preparar e poder ir para fora. Então a área de juventude é uma área assim.

H.A. - Quantos funcionários vocês têm hoje?

M.A. - Nós somos enxutinhos, enxutinhos, internamente devemos ter 13 pessoas e temos muitos consultores que vêm para programas, dependendo do projeto, entendeu? E que estão há muitos anos acompanhando a gente.

H.A. - E as parcerias com essas instituições nacionais para ter esse debate também, em termos de Brasil?

M.A. - É.

L.O. - Outras agências internacionais, tipo, sei lá, Rockefeller, não, MacArthur...

M.A. - A MacArthur parece que já não está mais aí, mas ela apoiava esse tema, a Rockefeller não soube nunca, não conheço outras agências...

H.A. - Mas mesmo bolsas individuais, tipo Ashoka...

M.A. - A Ashoka teve um tempo que esse tema era muito... Quer dizer, a Ashoka também estava bastante preocupada em como avançar nisso. Eu nunca vi a Avina, eu sou da Avina, mas acabei me afastando da Avina por isso também. Eu achei que não tem lugar para mim dentro da Avina, não tem lugar para preocupação com temas como esse. Eu fiquei lá alguns anos e resolvi me afastar. Mas eu acho uma fundação extremamente importante. Eu tive em um evento fora do Brasil, em Costa Rica, estive com uma autoridade importante, ele era da Manco e ele deu um recurso fundamental da empresa dele para trabalhar com o tema de direitos humanos, mas ele destacou a área de relações étnicas, indígenas e negros. Mas eu nunca vi isso se refletir no cotidiano da Fundação Avina. É muito difícil. Eu diria que a Fundação Ford e agora quando ela já está saindo a Fundação Kellogg, quando ela já está saindo do Brasil. Porque ela também esteve anos a fio... Nós mesmos apresentamos projetos, várias vezes, propostas de projetos, várias vezes, e a gente não conseguiu apoio, entendeu? É difícil, é difícil. Todo ano eu não se aquele é o último ano do Ceert, mas alguém com o perfil que eu tenho, com tantos livros escritos, com doutorado, com o tipo de formação que eu, o Hédio, os nossos consultores têm, quando você está em outra instituição você está em outro patamar. A gente está sempre vendo se consegue ultrapassar para o outro ano.

H.A. - Como você falou, acho que as ONGs têm passado por isso.

M.A. – Têm...

L.O. - São ciclos, não é, tem época que está dando, recebe, daqui a pouco...

H.A. - Fases difíceis. E a Ford ela estabelece um diálogo entre ONGs com temas similares? Como é isso, vocês estão sempre conversando, ela propicia esse tipo...?

M.A. - Sim, propicia, propicia que a gente olhe para a prática nossa, que conheça a prática dos parceiros e que olhe para o programa dela. Eu acho que ela tem muita coragem no sentido de dizer: “Vamos avaliar o programa nosso como está, o programa de Direito, programa de direitos humanos, relações raciais”, então eu acho que isso ajuda muito e ajuda uma conversa entre parceiros, pessoas de diferentes lugares do Brasil que estão trabalhando naquela mesma área onde você está. Acho que ela propicia isso também. E ela aprende com isso. Ela procura a partir disso redirecionar os seus programas, as suas linhas.

H.A. - De tempos em tempos, não é? Seu diálogo é mais para uma área de direitos humanos, agora acho que nem tem...

M.A. - Justiça racial e políticas públicas. Sempre foi Ana Toni, Denise Dora, agora é Nilcéa [Freire] e a Letícia [Osório]. Na área de políticas públicas durante muitos anos a gente trabalhou com colocação de dado cor nos cadastros, que é uma das principais reivindicações do movimento negro. Quer dizer, que as instituições têm... Isso que a Ford faz, pergunta: “Quantos negros tem no seu quadro de pessoal, no público que você atende, tal”. Então a gente trabalhou muito isso com prefeituras do país inteiro, ajudando a passar uma metodologia, a ideia da importância que isto tem, junto com os movimentos locais. Recife, vários estados do Brasil.

H.A. - E nas empresas você sente uma mudança nesse sentido, desde que você saiu da área de RH?

M.A. - Eu ainda acho que é onde menos mudou, mas tem uma mudança pequena, mas acho que é onde menos mudou, porque é onde está o dinheiro, onde está o poder, entendeu?

H.A. - Mas as grandes empresas procuram vocês para fazer consultoria, para tentar pensar a área de RH, como poderia...?

M.A. - Menos do que deveria. Elas prefeririam, por exemplo, uma mulher branca que trabalhe no tema que eu trabalho. Que diz que aprendeu comigo, que diz que leu meus livros. Porque

isso acontece frequentemente: “Cida, eu li seus livros, a partir de seus livros que eu defini minha atuação na empresa.”, mas elas não procuram o Ceert. É mais difícil.

H.A. - E a relação de vocês com o movimento negro, me chamou atenção, eu estava lendo uma entrevista que o Hédio deu para uma consultora da Ford, e ele falou que às vezes vocês são vistos como desconfiança. Eu achei curioso isso. Não sei se foi coisa do passado...

M.A. - Eu acho que... Não, eu acho que as vezes acontece isso, por exemplo. Eu não tenho vida partidária, eu nunca quis ter. Ele tem o partido e o movimento negro tem vários grupos que tem partidos, tem partidos que vão numa linha. E aí isso dá...

H.A. - Uma tensão.

M.A. - Uma tensão. Trabalhar em empresa para algumas pessoas é como se você se vendesse. Então o Ceert sempre trabalhou fortemente também com a população negra, mas eu trabalho com brancos dentro da empresa. Não é que eu vou trabalhar só com negros, entendeu? Eu tenho que trabalhar... Numa prefeitura eu trabalho com negros e brancos, eu sou uma pessoa que tem que trabalhar com a sociedade como um todo. A sociedade tem que se abrir. Não é um trabalho que você faz só com negros. E para algumas pessoas, no território da competição, esse pode ser um argumento para dizer: “Olha, eles estão vendidos para as empresas e tal”. Mas isso é uma coisa que faz parte da luta política por recursos mesmo das organizações.

L.O. - Tem uma coisa que você estava falando, quer dizer, na medida que você, vocês, vamos dizer assim, lutaram e lutam numa determinada linha de trabalho e ao mesmo tempo de independência, também é onde leva essa preocupação a cada ano: “Vamos ter dinheiro...”

M.A. - Isso é verdade.

L.O. - Porque se vocês tivessem, com a licença, pendurada alguma coisa do Estado, em algum nível, de alguma forma, vocês ficariam... Não é?

M.A. - Isso eu percebo também, que custa caro para a instituição. Por exemplo, a gente não está muito em coletivos, em grupos, assim, a gente preza muito essa autonomia, também partido. É uma instituição que não está vinculada a esse ou aquele partido. Aí custa caro, bastante.

L.O. - Garante a qualidade do que vocês estão fazendo, do trabalho, mas em compensação tem um preço a pagar.

M.A. - Não tem ninguém abrindo caminho aqui e ali, isso é mais difícil.

H.A. - Eu estava olhando aqui a listagem de doações, me chamou atenção que a última doação que é do ano passado, 2011, para implementação de um curso de graduação em parceria com a Universidade Federal de São Carlos...

M.A. - Isso, uma cátedra, não é?

H.A. - Igualdade racial.

M.A. - Igualdade racial e direitos educacionais.

H.A. - Como é isso?

M.A. - É realmente um começo, uma cátedra mesmo que vai ser uma cátedra itinerante, vai ter em algum momento em cada uma das regiões do país e...

H.A. - Só está começando em São Carlos?

M.A. - É, começou em São Carlos, também teve um momento aqui em São Paulo na Universidade Zumbi dos Palmares e agora vai nas cinco regiões do país. E houve todo já, a construção do material teórico, de toda recuperação, os planos de curso, então... Ele só vai se adequando a cada região do país. Então é direito e relações raciais, direito e relações educacionais.

H.A. - Você acha que esse é um caminho, tipo, parceria com universidades?

M.A. - Acho um caminho fundamental, que é uma das coisas que o Ceert faz super bem, que é... Por exemplo, ano passado nós trabalhamos com 12 universidades, nas cinco regiões do Brasil. A gente faz a parceria com a universidade porque isso também traz jovem, ajuda na formação das pessoas, então a universidade é um território bom de exploração para avançar na questão de direitos humanos, na questão da igualdade racial.

L.O. - Vocês tiveram participação na criação da Universidade Zumbi dos Palmares?

M.A. - Não, mas um dos diretores do Ceert, dr. Hédio, hoje é diretor acadêmico lá. A gente não teve participação não, mas tem uma atuação forte do dr. Hédio lá.

L.O. - Que eu saiba era a única universidade no Brasil considerada universidade... Como se chama, afro-brasileira, não...?

M.A. - É isso mesmo.

L.O. - Que é importantíssima.

H.A. - E o caminho daqui para frente, Cida, o que você considera assim, caminhos ousados e que de repente uma eventual parceria com a Ford pode possibilitar?

M.A. - Eu acho que a área da liberdade de crença é uma área importante, é a área do Estado laico, essa discussão tem que avançar, entendeu? Eu acho que é um barril de pólvora aqui no Brasil. Eu me surpreendo, às vezes, que autoridades do judiciário não estão fazendo o que deveriam estar fazendo, de prestar atenção no crescimento de ações nessa área. Eu acho que a questão da juventude negra me preocupa demais, a morte de jovens negros, a violência.

L.O. – Percentual, homens, jovens e negros que morrem. É uma geração...

M.A. - É muito grande. Há um medo com relação ao masculino e negro, há um medo mesmo. Eu acho que isso é um ponto de partida fundamental e eu acho também que a questão do meio ambiente, fazer melhor conexão. Trabalhar mais as questões do meio ambiente, tanto com a população negra... Fazer mais links, trazer mais essa discussão para o território de direitos humanos, da igualdade racial, da intolerância religiosa, as questões ligadas ao meio ambiente, às cidades, ao espaço urbano, entendeu?

H.A. - No caso, falando em educação, no caso da lei na questão da história da África, que é uma coisa que já está aí há um tempo, a gente vê que alguns professores encampam...

M.A. - Muitos.

H.A. - E outros ainda ficam meio perdidos. Imagino que vocês tentem orientar nesse sentido.

M.A. – Bastante. Temos trabalhado muito.

H.A. - Como isso tem evoluído?

M.A. - Acho que a área... O movimento negro aponta muita limitação ainda, mas eu acho que é uma das áreas que mais tem avançado, porque você tem uma lei, porque você tem um território da educação no Brasil, provavelmente é onde você tem mais militância negra, mais ativismo negro, mais pesquisadores, mais mestres, mais doutores e ativistas em geral, então é uma área importante. Também acho que é uma área importante no campo das relações raciais, porque um professor dentro de sala de aula está ensinando para crianças brancas e negras. Tanto a criança branca pode rever a sua perspectiva sobre esse país, sobre sua condição de branca, sobre o seu coleguinha negro, como a criança negra. Então é um território onde você trabalha com os dois segmentos ao mesmo tempo. Então resignifica identidades, resignifica o que é ser brasileiro. Quando você traz uma outra África, não só aquela África pintada e faminta, mas o que é de verdade o continente africano.

H.A. - Você acha que essa lei refletiu a quantidade de candidatos ao prêmio que vocês...

M.A. - Eu acho que ela aumentou, aumentou bastante. É bastante interessante. E eu acho que as pessoas vão sendo tocadas por isso. Não é um dado, na minha avaliação, não é um dado à toa, esse dado de que até a penúltima edição, a maioria, um pouco mais da metade das professoras que mexiam com isso, com as crianças, eram mulheres brancas, jovens.

H.A. - Interessante.

M.A. - Eu acho. Quer dizer, o que faz uma professora lá do Amazonas pensar: como vou trabalhar com as crianças esse tema? Uma mulher branca que não foi preparada, a maior parte das vezes, para pensar, para olhar para isso e de repente começa a encontrar um caminho. Então, eu acho que a área da educação é uma área importante para você explorar, dar sinais de que é um bom lugar para você caminhar. Não que isso signifique que você não vai cuidar das outras, mas a gente tem sinais de que é um bom território.

H.A. - Agora, na outra ponta, na universidade, a gente de manhã estava falando sobre as ações afirmativas, naturalmente, e o pessoal da Fundação Carlos Chagas estava comentando a preocupação que está tendo de um pré-acadêmica, de preparar as pessoas para... Acho que é uma tendência que está se mostrando aí.

M.A. - É, mas também...

H.A. - Trocar a fita. Tem esse momento...

M.A. - Você estava com a Fúlvia [Rosemberg], Maria Malta [Campos]?

H.A. - Fúlvia e Sandra [Unbehaum]. Foi bom porque eu acho que a gente conseguiu conversar. Você fala assim... Preparada para falar.

L.O. - Tem *kown-how* para falar sobre instituição.

H.A. - Uma frase já resolve.

M.A. - Eu acho muito interessante, outro dado interessante nesse país que a gente deveria se debruçar sobre ele, sem uma legislação, as universidades, mais de 70% das universidades públicas das federais estão com algum tipo de ação afirmativa. Isso não é uma coisa interessante? Não é um dado interessante? Alguém tinha que se debruçar sobre estas coisas.

H.A. - Tem lei que não pega, e a coisa que não é lei...

M.A. - Não é lei, quer dizer, quanto o país... E aí, provavelmente, nós estamos falando essencialmente de brancos, pressionados pelo movimento negro, dialogando com o movimento negro, mas já fazendo alguma coisa lá. Então eu acho que o país dá sinais de dois lados. Tanto você tem aquela pessoa mais racista que não quer falar sobre isso, que não quer perder privilégio, quanto você pessoas que já estão mexidas. Que o movimento negro tenciona a relação, mas ela dá uma resposta. E ao dar a resposta ela começa a ver um outro universo. Porque você abriu a porta para se relacionar com isso, você abre um outro universo, um outro olhar para a sua realidade. Então eu acho que um outro dado interessante no campo da ação afirmativa é o número de universidades federais, é o percentual de universidades federais que estão com algum tipo de ação afirmativa, sem que haja uma legislação obrigando.

H.A. - Certo. Interessante mesmo. Acho que contemplamos...

L.O. – Você tem alguma coisa mais, alguma experiência do próprio Ceert que você ache interessante, você gostaria de ressaltar que a gente não tenha prestado atenção?

M.A. - Eu acho que a gente e tem trabalhado muito com *cases* o Ceert. Ao mesmo tempo a gente trabalha com denúncias, a gente trabalha com diretos da população negra, mas a gente também tem uma preocupação muito grande de destacar dentro das instituições... Alguma coisa a instituição sempre fez quando ela te chama para trabalhar. Quando uma prefeitura me chama, quando uma empresa me chama, ela já fez alguma coisa. Então eu acho que uma coisa que o Ceert foi aprendendo ao longo do tempo como é importante você desatacar dentro das instituições ações que elas já tenham feito ou *cases* que ela possa replicar, que ela possa ampliar, que ela possa aprofundar. Acho que isso é um aprendizado ao longo dos anos, acho que é um aprendizado ao longo dos anos. A gente foi se fortalecendo dentro do Ceert enquanto

liderança também, nos sentimos tratados também com bastante dignidade pela Ford. Não sei o que era a Ford antes de 90, mas depois disso eu já sentei com várias parceiras, sentei com Suely Carneiro, com essa, com aquela, o sentimento de ser tratado com dignidade pela Fundação Ford ele é muito forte. Então isso é uma coisa importante que eu deixaria aqui. E eu diria, se eu tenho que deixar, se eu tenho que dizer alguma coisa, se eu posso dizer alguma coisa no final, eu diria que seria muito importante que a Fundação Ford continuasse nesse papel que ela, mais do que outra pode fazer, que é provocar outras instituições. Ela tem feito isso. Ter provocado o Gife¹⁵, se ela pode provoca o instituto Ethos, se ela pode provoca a Avina, a Ahoka, a Kellogg, a Oxford. Como a Fundação Ford pode continuar a provocar instituições nesse país para olhar para o âmbito das relações raciais. Acho que esse papel ela tem, eu diria, legitimidade porque provavelmente a instituição que mais trabalhou com esse tema, então ela tem também café no bule para fazer isso. Eu gostaria de vê-la protagonizando mais isso e a gente podendo contribuir para que isso aconteça.

H.A. - Certo. Porque você falou, a gente comentou isso com relação aos donatários, mas você está falando em relação a outras instituições próximas...

H.A. - É, eu não tenho dúvida que esse papel dela está gerando desdobramentos, entre organizações que não mexiam com isso, que não se preocupavam em ter um negro no seu quadro, não olhava para o tipo de pessoa com a qual trabalha, de repente começa prestar atenção. Então eu acho que esse papel ele é bastante... Ele tem muito desdobramento, ele é muito disseminador da ideia da igualdade racial e de justiça. Então a minha expectativa é que ela continue desempenhando papel desse tipo.

L.O. - Obrigada.

M.A. - Deu?

H.A. - Deu. Oh, se deu!

¹⁵ Grupo de Institutos, Fundações e Empresas

L.O. - Foi ótimo.

H.A. - Eu não sei se vocês tem essa revista de 15 anos nossa?

H.A. - Temos. E o que eu ia te perguntar o seguinte. Eu achei interessante no site também, tem as áreas, e o link de publicações de cada área, não é? Que eu achei isso ótimo. Nem todo... Como eu te falei, em geral não tem organizado. Inclusive a Fundação Ford tem essa parte não muito bem organizada. Melhor desligar o gravador. A gente tem dificuldade de identificar publicações, por exemplo, esse tipo de coisa. Eu não sei se vocês têm...

M.A. - A gente tem um portfoliozinho bem interessante com todas...

H.A. - Mas quais das publicações tem alguma relação com o projeto que foram apoiados pela Ford? De certa forma acho que tudo passa por ali.

M.A. - A maioria. Eu não sei se eu destacaria alguma que não tem, porque quando você vai ver, ou são desdobramentos do projeto ou são feitas para serem utilizadas no projeto.

H.A. - Pois é.

H.A. - E acho que o Ceert se destacou um pouco nessa área, de ser uma instituição que fazia uma coisa e já publicava, fazia e disponibilizava. Mas eu trouxe essa daqui, só que vai só até 2005, mas a gente fez uma linha do tempo que deu trabalho maluco.

L.O. - Ah, nós estamos... Dentro da Ford.

H.A. - Imagino. Nós estamos nessa luta da linha do tempo. Vamos ver o modelo.

M.A. - A gente foi de 92... Foi bem curtinha. Eu acho que depois a gente tentou fazer uns 20 anos, mas não ficou tão boa, eu nem sei onde está lá, mas eu também tenho. Mas, enfim, eu trouxe para vocês.

L.O. - Está ótimo, a gente vai juntando.

H.A. - Ótimo, muito obrigada, muito obrigada. Cida, vou pedir só para você preencher essa questão de cessão de imagem, sabe? Preenche esse e assina esses dois, depois eu copio as informações nesse aqui.

L.O. - E quando vocês terminam isso?

H.A. - Eu acho que não apaguei...

[FIM DO DEPOIMENTO]